

## A FOTOGRAFIA DE BALTIMORE: escrita, feminino e tradução em Lúcia Castello Branco

The photography of Baltimore: writing, feminine and translation in Lúcia Castello Branco

Jonas Miguel Pires Samudio<sup>(\*)</sup>

### Resumo

Propomos uma leitura do livro *Nenhum orvalho sobre a cidade* (2016), de Lucia Castello Branco, ao redor de três questões: a escrita, o feminino e a tradução. Partimos de reflexões a respeito do feminino (J. Lacan, 2008, entre outros), perpassando pelas articulações entre feminino e escrita (Castello Branco, 1991, 1994), chegando às considerações acerca da tradução (Paul B. Preciado, 2015, entre outros). Como método, seguimos as propostas do “pensamento fraco” (Vattimo, 2004) e uma discussão acerca da potência poética do prefixo “in”, almejando a elaboração de uma imagem para o que denominamos “a fotografia de Baltimore”: o ausente que move a escrita do livro.

**Palavras-chave:** Escrita. Feminino. Tradução.

### Abstract

We propose a reading of the book *Não dervalho sobre a cidade* (2016), by Lucia Castello Branco, around three questions: writing, the feminine and translation. We start from reflections on the feminine (J. Lacan, 2008, among others), passing through the articulations between feminine and writing (Castello Branco, 1991, 1994), arriving at considerations about translation (Paul B. Preciado, 2015, among others). As a method, we followed the proposals of “weak thinking” (Vattimo, 2004) and a discussion about the poetic power of the prefix “in”, aiming at the elaboration of an image for what we call “the photography of Baltimore”: the absent that moves the writing of the book.

**Keywords:** Writing. Feminine. Translation.

### Resumen

Proponemos una lectura del libro *Nenhum orvalho sobre a cidade* (2016), de Lucia Castello Branco, alrededor de tres cuestiones: la escrita, lo femenino y la traducción. Empezamos con las reflexiones respecto al femenino (J. Lacan, 2008, entre otros), pasando por las articulaciones entre femenino y escritura (Castello Branco, 1991, 1994) y llegando a las consideraciones sobre la traducción (Paul B. Preciado, 2015, entre otros). Como método, seguimos las propuestas del “pensamiento débil” (Vattimo, 2004) y una discusión acerca de la potencia poética del prefijo “in”, buscando elaborar una imagen para lo que llamamos “la fotografía de Baltimore”: lo ausente que mueve la escrita del libro.

**Palabras-clave:** Escritura. Feminino. Traducción.

---

<sup>(\*)</sup>Escritor e costureiro, dedica-se às relações entre mística e feminino, tecidas no corpo e na escrita. Formado em Filosofia, Teologia e Letras, é doutor em Estudos Literários (UFMG). Publicou **A mais aberta** (Cas’ a edições, 2017), **Mão de fora e suas histórias**, com ilustrações de Kleriston Kolive (Edição do Autor, 2017), **Demasiado alinhado sobre TERESA** (Edição do autor, 2019), **Véus seus (Revista Em Tese, 2019)**, **pétala pele** (Cas’ a edições, 2020) e **nós, as irmãs Brontë** (2021, edição do autor). E-mail: [alfjonasss@yahoo.com.br](mailto:alfjonasss@yahoo.com.br).

*Como alguém pode pensar que a poesia lhe pertence?*  
(CASTELLO BRANCO, 2016, p.21).

Com as mãos ao redor do corpo, escrevo, tendo diante dos olhos e das mãos abertas, *Nenhum orvalho sobre a cidade* (2016), de Lucia Castello Branco, seu último livro ficcional que me cerca, que me convém. Um livro de *nem-um*, e, como o orvalho que não pertence a *nem-uma* cidade, não escrevo sobre ele, mas com ele, ao lado dele. Esse livro e este ensaio nascem de biografemas, como aqueles de que fala Roland Barthes:

se eu fosse escritor, já morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um biógrafo amigo e desenvolto, a alguns pormenores, a alguns gostos, algumas inflexões: digamos ‘biografemas’, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar [...] algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão; uma vida esburacada, em suma (BARTHES, 2005, p..XVII).

Os biografemas de *Nenhum orvalho*, mínimos grafos de uma vida que restam escritos, são recolhidos pela autora, Lucia Castello Branco, durante um período em que viveu nos EUA; eles não pretendem reconstituir sua experiência durante esse período, quiçá, a reinventam, fazendo vibrar não necessariamente detalhes desta viagem, mas olhares fragmentados que contém o desejo de dar a ver e a ler algumas cenas. De fato, o livro se compõe por três desejos de dar: a cada par de páginas, de um lado, uma fotografia, por vezes colorida, por outras, não; do outro lado, fragmentos de texto seguidos de sua tradução para o inglês – uma imagem e dois idiomas. Biografemas e desejo de dar a ver e a ler: uma não coincidência que funda *Nenhum orvalho*, “nem um” orvalho. *Nem um*, um singular que convida a ver o que não está ali: em meio às fotografias, não há a fotografia do amanhecer em Baltimore, ou a imagem do inconsciente, tal como Lacan o retratou, como nos diz a epígrafe do livro: “O inconsciente é o amanhecer em Baltimore”.

A fotografia que retratasse o amanhecer em Baltimore *nem-uma* vez é registrada. Ela não nos pertence. Talvez seja isso, a ausência, o que move a escrita a continuar. E o que nos move a escrever: a ausência de uma imagem, suplemento de poesia, desejo de plurissignificar.

Por seu turno, a epígrafe é recolhida do seguinte trecho:

Eram as primeiras horas da manhã quando preparei esta pequena conferência para vocês. Podia observar Baltimore através da janela e foi um momento muito interessante, já que ainda não havia plena luz diurna e um sinal de neon me indicava a cada minuto a mudança na hora e havia, pois, tráfego pesado, e me recalquei a mim próprio que tudo o que podia ver, exceto as árvores à distância, era o resultado de pensamentos, pensamentos

ativamente pensantes, donde a função que cumpriam os sujeitos não era completamente óbvia. De qualquer maneira o assim chamado Dasein como definição do sujeito estava ali neste espectador em grande medida intermitente ou evanescente. A melhor imagem que resume ao inconsciente é Baltimore ao amanhecer (LACAN, [s/d], tradução nossa).

Por volta de 1966, Jacques Lacan, respondendo ao convite de Shoshana Felman, atravessa o Atlântico e profere o famoso “Discurso de Baltimore”, de que recolhemos o fragmento. Antes que entre a intermitência e a evanescência do sujeito espectador, *Nenhum orvalho* conta-nos a intermitência e a evanescência daquela que escreve: a poesia não nos pertence, tal qual o orvalho que se deita, à noite, na noite das línguas, sobre a quase morte da cidade; a poesia é livre, filha e mãe de si mesma, livre e liberta, *in*-humana forma que se *in*-corpora nas tentativas de vê-la nascer – experiência de um corpo em silêncio pedindo escrita – “[...] mas a noite – nenhuma estrela para assinalar aquela compacidade” (CASTELLO BRANCO, 2016, p.31) –, a densidade de um corpo, do poema, pedindo a poesia que o possui sem dele se fazer cativa. Poesia como palavra feminina, palavra não-toda linguagem, não-toda como não universal, não-toda como feminina: como qualquer ser falante que, ao se colocar sob a insígnia das mulheres, “se funda por ser ‘não todo’ e, como tal situar-se na função fálica, é isso que define a [...] a mulher, justamente. Com a diferença que [...] *La femme* isso pode ser escrito barrando o ~~A~~. Não existe A mulher, com o artigo definido, para designar o universal”; em outras palavras, “não existe A mulher já que – eu já arrisquei esse termo, por que hesitaria? – por sua essência, ela é não toda” (LACAN, 2010, p.150),<sup>1</sup> o que, em termos de uma escrita feminina – noção, aliás, elaborada nessa compreensão por Lucia Castello Branco – pode ser assim explicitado:

O que dizer, então, de um texto que se erige a partir dessa inexistência, desse nada, e que no entanto insiste, em sua própria materialidade, em afirmar “aqui estou eu, um texto outro, falando numa outra dicção, talvez de algo que não sei, mas que está aí, na espuma espessa do significante, na voz, no tom, na respiração, no ritmo, nas lacunas, nos excessos, aqui, ali e em nenhum lugar”? Pois essa é a única realidade do que aqui denominamos de escrita feminina, essa escrita que pretende dizer o indizível e que talvez

---

<sup>1</sup> Tais afirmações podem ser desdobradas: “Do lado feminino, o modo de se submeter à lei do falo, à castração, não é postulando a universalidade da lei; como *nãotoda* a mulher pode se colocar do lado do falo ou não. Na fórmula, segundo a qual ‘não há nenhuma mulher que não esteja submetida à castração’ não há exceção, nenhuma está fora da castração, não existe a figura fundadora de um conjunto de mulheres, logo, não há nem uma que não esteja submetida à castração. Como não existe a condição necessária para que se estabeleça o universal, o todo não se constitui, logo a mulher é *nãotoda* submetida à castração. As formulas do lado feminino indicam que a mulher não se inscreve da mesma maneira que o homem, mas ao mesmo tempo, não prescinde da lei do falo. Ela não está fora, mas também não está inteiramente submetida à lei simbólica” (HOLCK, 2011, p.40).

por isso não diga nada muito além de sua incapacidade, sua impossibilidade, sua sofreguidão. Mas isso não é pouco (CASTELLO BRANCO, 1994, p.92).

Aquela que escreve o faz não-todo, escreve o pouco que, como vasto território, não é pouco: escreve a poesia que não nos pertence, o poema, forma de uma fraqueza da linguagem, seu pujante gesto de *in*-possível. Não servindo a algo que lhe seja exterior (a comunicação, por exemplo), a linguagem, no poema, se desloca e se descola, em fragmentos de si mesma, e se enfraquece: e diz mais do que diz: a poesia como *in*; retenhamos a corporeidade desse *in* tão reincidivo: prefixo que provêm de duas fontes latinas: de um lado, “do pref.lat. *in*- ‘privação, negação’” e, do outro, “do pref. e prep. lat. *in*- ‘em, a, sobre; superposição; aproximação; transformação’, [e] “no interior; em” [...]; tem, em port., valor intensivo, de movimento para dentro, de repouso, de permanência, de direção, de tendência” (HOUAISS, [s/d]); do *in* de *in*-finito, Emmanuel Lévinas nos mostra que é afecção, “traumatismo – inassumível – infligido pelo Infinito à presença, ou essa afecção da presença pelo Infinito” (LÉVINAS, 2010, p.104); aqui, o “*in* do infinito designa a profundidade da afecção com que é afetada a subjetividade por essa ‘introdução’ do infinito nela, sem preensão e compreensão” (p.99): também, o *in* é uma negação: afecção desejante:

a negatividade do *In* do Infinito [...] escava um desejo que não se preenche, que se alimenta de seu próprio crescimento e que se exalta como Desejo – que se afasta de sua satisfação – à medida que se aproxima do desejável. Desejo de além da satisfação que não identifica, como a necessidade, um termo ou fim (LEVINAS, 2010, p.100).

Negação e afecção, forma sem fim entre negação e afecção. Talvez, ainda como a escrita feminina:

Talvez só se possa afirmar que a escrita feminina se define pelo que *não é* a escrita masculina, mas esse *não é* compõe um vasto território em que as marcas do feminino nem sempre assinalam o oposto ao masculino. Ao contrário, às vezes, essas marcas até mesmo se misturam, até mesmo se tocam, embora não sejam idênticas (CASTELLO BRANCO, 1991, p.23, destaques no original).

Trata-se, pois, de ler, em *Nenhum orvalho sobre a cidade*, traços de uma escrita feminina desdobrada, um vasto território fotografado numa imagem que, ausente, é, quiçá, horizonte mirado. No livro, textos em português, e traduzidos para o inglês, numa presença interlingual, e inúmeras fotografias – numa relação inter-semiótica, pois – tiradas durante a citada estadia da autora nos Estados Unidos.

Escolho fazer este caminho de leitura: “o ser, hoje, se anuncia como evento e como destino de enfraquecimento” (VATTIMO, 2004, p.59): que o ser do livro se dê,

aqui, como evento de uma leitura, leitura aqui e agora, e que essa doação seja acolhida como destinação de enfraquecimento, *in*-possibilidade da existência de uma fotografia de Baltimore original, pelo fato de que toda, qualquer, pré-determinação porta o risco de um enrijecimento, de uma dogmatização; escolho, então, um caminho em que a escrita se escreve na direção da fraqueza – não fragilidade, não impotência! –, escolho escrever a fotografia de Baltimore como a leio nas páginas de *Nenhum orvalho sobre a cidade*, o que implica, de fato, que ela não está ali, e por isso, apenas por não estar ali, é que ali ela está como o dado de todo evento, como *in*- de uma negação-afecção-entre, assumido, aqui, como prefixo, elemento gráfico que acena para múltiplas significações. Trata-se, pois, de percorrer de *nem-uma* teorização a *nem-uma* teorização: ler o negativo de *nem-uma* fotografia de Baltimore, uma escrita, “saber em fracasso” em que as letras se descolam e se abismam em si e, nelas e para além delas, no seu fora, num ressaltado para além do que, antes, delas se poderia ler (cf. CASTELLO BRANCO, 2014, p.123-139): convite para o “enfraquecimento” do mundo, da violência da linguagem que, nos espaços acadêmicos, e fora deles, em qualquer elaboração que pretenda criar fundamentos objetificados, pré-determinantes, se entrega a um, poderíamos denominar, empuxo à metafísica. Distancio-me, como desejo e escrita, aceitando o enfraquecimento, que recebo de Gianni Vattimo, e re-cito: “o ser, hoje, se anuncia como evento e como destino de enfraquecimento” (VATTIMO, 2004, p.59); ao término de todas as grandes narrativas, também daquelas que se originam no Iluminismo e que levam à crença irrestrita na ciência e em suas metodologias, em tempos pós-metafísicos – herdeiros que aceitamos ser do anúncio da morte do “Deus moral”, de Nietzsche (p.19), e do fim da metafísica, de Heidegger (“o que Heidegger chama de metafísica é, na verdade, a crença em uma ordem objetiva do mundo que o pensamento deveria reconhecer para poder adequar tanto suas descrições da realidade quanto suas escolhas morais” (p.22)) –, a possibilidade de um pensamento só pode se dar, por um lado, pensando o ser como evento, aqui e agora, portanto, fora de qualquer dogmatização ou rigidez de predeterminação, e, por outro, “como destino de enfraquecimento”, não se permitindo, como forma de pensar, encaminhar na forma de qualquer dogmatização, ou rigidez de predeterminação.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Aqui, não nos cabe um levantamento bibliográfico que nos garantisse a adesão a um pensamento estabelecido e estabilizado; cabe-nos, e por isso optamos, intentar a aventura de escrever o ser em seu evento de enfraquecimento, em seu enfraquecimento como evento: tal como a literatura nos conduz. Para mais, recomendamos: VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**. Trad. Cynthia Marques. Rio de Janeiro, 2004; VATTIMO, Gianni; ROVATI, Pier

Nesse evento que se enfraquece, em *Nenhum orvalho sobre a cidade*, “[...] tudo era paisagem e silêncio” (CASTELLO BRANCO, 2016, p.27): seu silêncio, aquele do excesso do poema: uma falta em suspensão, ou, o “outro silêncio da poesia” (p.35); com as mãos sobre o corpo, escrevo, escrevo para fazer ressoar o encontro com *nem-uma* fotografia de Baltimore, enfraquecendo a mão que dela fala, aqui, entendendo tal encontro na destinação de uma condição de atravessamento da tradução – essa, parece-nos, uma marca formal da “escrita feminina” em *Nenhum orvalho*, marca a indicar o encontro das singularidades em impossível relação: seu caráter não definitivo, pois o que se procura, na tradução, é escrever a experiência do *in*-possível de ser escrito, tal o ramo transvazado de capa a capa, um originário de branco a branco. E, já que “o texto, sem nenhum esforço, nascia dos meus dedos” (p.37), com o esforço que lhe é próprio, o que se dá, aqui, é a tradução de letra a letra, de imagem a letra: apenas nas páginas ímpares, o texto não faz par com as imagens, descola-se de *i*-mobilidade em silêncio, cai, *in*-testemunhável:

Nem o negro [...] noite sem sonhos [...] nem a negra [...] comida apimentada e sem gosto, nem o maquinista, também negro, nem o pai das crianças na cabine ao lado, branco e envergonhado, ninguém testemunharia a vertigem. Apenas a noite, sem nenhum orvalho sobre a cidade, e a cidade, sem nenhum padecimento de noite (CASTELLO BRANCO, 2016, p.23).

Não há despedaçamento, mas trânsito entre várias *in*-possibilidades, vários *nem-uns* e *sem* formas desconhecidas. Um olhar e uma língua, que recebe a noite, entre deserto e silêncio, como um “transpor. Invento-te no deserto, para fazê-lo arder na superfície de todas as línguas obscenas, feitas de barcos e naufrágios, misturados à minha lentidão em vertigem de mar” (PAULA, 2015, p.318); transpor constante em trânsito: entre línguas (em *Nenhum orvalho sobre a cidade*, entre inglês e português), entre linguagens (ainda em *Nenhum*, imagem e texto), como um sujeito que não se constitui, ou reconhece, na arbitrária (cultural e ideologicamente imposta), diferença dos gêneros: se descobre como um certo *i*-localizável, corpo exilado em sua própria pele, carne exilada num corpo que não chega: como se, “[...] no rosto do menino, os pelos furando a pele” (CASTELLO BRANCO, 2016, p.17), esse sujeito fosse não o menino, mas os furos em sua pele; esse *nem-um* que lhe pertence, que não está ali: “Minha língua é silêncio/ Quem traduzirá o meu silêncio?/ Como vou cruzar esta fronteira?”

---

Aldo (Org.). **El pensamiento débil**. Trad. Luis de Santiago. Madri: Cátedra, 1990 (sobretudo o primeiro capítulo, de autoria de Vattimo, intitulado: “Dialéctica, Diferencia y pensamiento débil”).

(EMADI, [s/d]), pergunta, a poesia, a que poderíamos acrescentar o testemunho de Edith Stein:

Às vezes acontece de eu ter uma horinha de tempo (mas nem todo dia) e depois também a necessidade de fazer alguma coisa que não esteja ligada com a escola. A esses espaços de tempo, que não entram em consideração para o trabalho pessoal, no ano passado empreguei para traduzir um livro do Cardeal Newman – *The Idea of a University* (para a Editora Theatine em Munique, de cuja fundação e direção faz parte também Gogo Hildebrand), e agora me pedem um segundo volume. Traduzir representa para mim uma pura alegria. Além do que, é muito bom entrar em contato direto com Newman, coisa que a tradução proporciona (STEIN, 2014, p.137).

Ir ao original: o encontro com a “pura alegria” de um “contato direto” (este não seria o livro? a leitura, não seria um “contato direto?”): em suma, o original parece ser o evento de enfraquecimento do ser, ainda do livro e do autor, de que apenas o corpo testemunha aquele que ali esteve, e ainda está, pelas letras que pinçou, aquele que, agora, pinça as suas, na “pura alegria” de um encontro sem intermediários, “contato direto” de que o livro que recebo é o último véu a proteger a exposição de uma nudez “[...] cujo nome ela se esqueceria” (CASTELLO BRANCO, 2016, p.25), o “sem segredo” de um rosto entregue ao adeus:

não vi mais nada. Nem seu olhos de inocência perdida, nem a cicatriz no meu queixo, escondendo a ferida de nenhum adeus. E agora coleciono magnólias e begônias na *Urban Jungle*, onde busco a noite de nenhum rosto [...] Mas a noite dorme. Branca, estrangeira, absolutamente só, ela secreta: a flor alvirrubra é sem segredo (CASTELLO BRANCO, 2016, p.15).

A condição da tradução, em *Nenhum orvalho* seria, então, a condição de uma solidão feminina no livro que renuncia aos nomes e à língua de uma pretensa origem, fazendo-se parte de uma “pura alegria” no “contato direto” com o não-saber do texto que recebe:

[...] ela, sem ninguém [...] Nem uma palavra no entardecer da paisagem. Nem mesmo a melancolia do crepúsculo está ali [...] Nenhuma despedida, nenhum encontro no fim da linha que, no entanto, chama-se Crescente [...] Por um nome que não soube pronunciar, ela renuncia à língua: fecha os olhos e entardece. Nenhum orvalho sobre a cidade” (CASTELLO BRANCO, 2016, p.19).

O grego mal aprendido de Hölderlin, a má qualidade do original de Antígona a que ele teve acesso: a sua tradução como tradução em que *nem-um* é o negativo, ou ainda: o que se traduz é a destinação de um evento que trans-escrevo como uma forma de enxerto: “talvez fosse melhor falar de ‘tradução’ ou de ‘enxerto’ ou simplesmente de ‘dildo’” (PRECIADO, 2015, p.213), de modo que, não existindo fora dessa condição

binária, o original apenas se apresenta no concreto de uma prótese: e “a prótese não é essência. É trânsito. É efeito múltiplo e não origem única. Não existe mais do que em um contexto concreto: o do enxerto” (p.207).<sup>3</sup> em suma, e seguindo a reflexão do filósofo Paul B. Preciado acerca do gênero, que

é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos [...] O gênero se parece com o dildo. Ambos, afinal, vão além da imitação. Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a referência e o referente, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas de sexo (PRECIADO, 2015, p.29).

A tradução é que, como um enxerto, como o posterior, dá existência e nome de origem a um anterior, os dois não convivendo numa relação binária, mas na tensão em que a sua distinção é desestabilizada; a tradução: enxerto e prótese que criam a origem, pele em trânsito de um corpo por-vir – afinal, sem o evento fraco de um pós-gesto tradutor, como se falar de original, senão numa concepção meramente cronológica?

Estamos, pois, na perda do que não se tem: “Não venha você me dizer, Rimbaud, que por delicadeza perdeu aquilo que nunca foi seu” (CASTELLO BRANCO, 2016, p.21), numa an-arquia do texto. E, “perante esta an-arquia – perante este sem-começo –, a reunião do ser fracassa. A sua *essência* desfaz-se em significação [...]” (LÉVINAS, 2011, p.156), o fracasso do poeta, ainda tradutor de sua experiência em imagem-texto, é a sustentação do poema: “Ouvir, de madrugada, as sombras. Pensar: são ondas de ternura, embalando meu bebê. Não ser a neve que cai, ouvir o vento, atravessar a noite sem estrelas. Não ouvir, nem pensar. Dormir, talvez, enquanto o céu nos encobre, ao som de *Georgia on my mind*” (CASTELLO BRANCO, 2016, p.41).

<sup>3</sup> Aqui, nos apropriamos da discussão de Beatriz Preciado (2015), que, no livro citado, se dedica à reflexão e proposição da “Contrassexualidade”, que é, “em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato sexual heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas (Judith Butler, 2001). Em segundo lugar: a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos Natureza por um contrato contrassexual. No âmbito do contrato contrassexual os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros como corpos falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes” (p.21).

O que é a eternidade? Nem isso nem aquilo,  
Nem agora, nem tal coisa, nem coisa alguma: não sei o que é (II, 153) (SILESIUS, 1996,  
p.80).

Não estar, pois, não entrar em contato com a fotografia de Baltimore: este o nosso original de um não-saber, não-pensar, e recebê-la, a fotografia, ao criá-la, como a eternidade de *nem-um*.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loyola**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CASTELLO BRANCO, Lucia. **Nenhum orvalho sobre a cidade**. Tradução, para o inglês, de Paulo Avilés. Belo Horizonte: Cas'a'screver, 2016.
- CASTELLO BRANCO, Lucia. **A traição de Penélope**. São Paulo: Annablume, 1994.
- CASTELLO BRANCO, Lucia. **O que é escrita feminina?**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CASTELLO BRANCO, Lucia. A paixão do ler: a leitura no “amor em fracasso”. In: HOLCK, Ana Lucia Lutterbach; GROVA, Tatiane. **Ao pé da letra**: leitura e escritura na clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Subversos, 2014, p.123-139.
- EMADI, Mohsen. **El poema: poesia é o único rebelde**. Mudado para o português por Cinara de Araújo. Belo Horizonte: Coletivo OurIsso, 2019.
- HOLCK, Ana Lucia Lutterbach. **Patu**: uma mulher abismada. Belo Horizonte: Scripta, 2011.
- HOUAISS, **Dicionário eletrônico**. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>.
- LACA, Jacques. Acerca de la estructura como mixtura de una Otredad, condición sine qua non de absolutamente cualquier sujeto. Trad. Leonel Sánchez Trapani. In: **Acheronta**, [s/d]. Disponível: < <https://www.acheronta.org/lacan/baltimore.htm>>. Acesso em 23 mai.2020.
- LACAN, Jacques. **Encore (1972-1973)**. Trad. Ana Lucia Teixeira Ribeiro. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010.
- LÉVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem à ideia**. Trad. Trad. Marcelo Fabri; Evaldo A. Kuiava, José Nedel; Marcelo L. Pelizolli. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LÉVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser, ou para lá da essência**. Trad. José Luiz Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- PAULA, Janaina de. **Cor'p'oema Llansol**. Belo Horizonte: Cas'a'screver, 2016.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- SILESIUS, Angelus. **O peregrino querubínico**. [s/d]. São Paulo: Loyola, 1996.

STEIN, Edith. **Teu coração deseja mais**: Reflexões e orações. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2014.

VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**: por um cristianismo não religioso. Trad. Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

(Recebido em junho de 2022; aceito em julho de 2022)